



IRAQUE / Milhares de manifestantes pró-Sadr voltam a ocupar o Parlamento, em nova recusa a aceitar o candidato a chefe de governo do Iraque. Políticos e representantes da Organização das Nações Unidas temem que a crise se agrave e ganhe as ruas de Bagdá

Tensão em escalada

Três dias depois de ocuparem brevemente o Parlamento do Iraque, milhares de apoiadores do líder xiita Moqtada Sadr deflagraram, ontem, uma nova ação, sem data para acabar. Há 10 meses sem um novo presidente e primeiro-ministro nomeados, depois das eleições de outubro de 2021, o país está mergulhado em uma crise política. “A escalada em curso é profundamente preocupante”, tuitou a Missão de Assistência da Organização das Nações Unidas (ONU) local.

Dentro do prédio, os manifestantes agitavam bandeiras iraquianas e retratos de Sadr, enquanto uma multidão protestava do lado de fora. Em um comunicado, os apoiadores do xiita afirmaram que manterão o ato “até novo aviso”. O presidente do Parlamento, Mohamed Al-Halbusi, anunciou a suspensão das sessões legislativas e pediu aos populares que “preservem a propriedade do Estado”.

A crise política no Iraque é total, à espera das nomeações, passado quase um ano das legislativas. Al-Sadr lançou uma campanha de pressão máxima contra seus adversários, rejeitando o candidato a chefe de governo. Os apoiadores do xiita se reuniram ontem no centro de Bagdá para denunciar a candidatura de Mohamed Chia al-Sudani a primeiro-ministro, por considerá-lo próximo do ex-ocupante do cargo Nuri al-Maliki, opositor de Al-Sadr.

Confronto

Antecipando o protesto, as forças de segurança fecharam

AFP



Multidão ocupa plenário legislativo, que teve sessões suspensas por tempo indeterminado: candidaturas denunciadas

vários acessos importantes da capital que levam à zona verde, onde estão localizadas instituições governamentais e embaixadas. Os agentes usaram gás lacrimogêneo e canhões d'água que não impediram os manifestantes de acessar as instalações do Parlamento. Segundo o Ministério da Saúde, 100 populares e 25 policiais ficaram feridos no confronto.

“Todo o povo está com você, Sayed Moqtada”, gritavam os manifestantes, usando o título

de descendente do profeta do Islã. “Não queremos corruptos e não queremos tentar o que já vimos” no poder, comentou o manifestante Haydar al-Lami. “De 2003 até agora, são os mesmos, não nos trouxeram nada, só prejuízos.”

Na última quarta-feira, milhares de manifestantes invadiram o distrito e ocuparam brevemente o Parlamento para rejeitar a candidatura de Sudani, um ex-ministro de 52 anos e governador provincial. Ele é o

candidato do Quadro de Coordenação, uma aliança de facções xiitas pró-iranianas que inclui o partido do ex-primeiro-ministro Nuri al-Maliki e representantes do Hashd al-Shaabi, ex-paramilitares integrados às forças regulares. A agremiação inclui alguns dos adversários de Moqtada Sadr, como Nuri al-Maliki.

Embora Sadr tenha decidido manter a pressão sobre seus oponentes, deixou para eles a tarefa de formar um governo. Em junho, fez seus 73 deputados

— que representavam a maior força no Parlamento, com 329 integrantes — pedirem demissão.

“Continuar com a escalada (da crise) política aumenta a tensão nas ruas”, lamentou o atual primeiro-ministro, Mustafa al-Kazimi, em comunicado. Na madrugada de ontem, os partidários de Sadr saquearam os escritórios do partido Daawa de Maliki em Bagdá, bem como as instalações da corrente Hikma, a formação política de Ammar al-Hakim,

que também faz parte do Quadro de Coordenação.

Em pronunciamento na televisão, o Al-Kazimi, pediu aos blocos políticos que “se sentem para negociar e cheguem a um acordo”. Hadi Al-Ameri, que lidera uma facção do influente Hashd Al-Shaabi, de ex-paramilitares pró-Irã, também pediu ao movimento pró-Sadr e ao Quadro de Coordenação para priorizar “a moderação, o diálogo e acordos construtivos para superar as diferenças”.

VATICANO

Papa Francisco: renúncia não é uma catástrofe

Com fortes dores nos joelhos que o obrigaram a usar uma cadeira de rodas, o papa Francisco, 85 anos, disse que não pensa em renunciar ao cargo, embora considere que, se isso for necessário, não representará “uma catástrofe”. O religioso, que no início do mês desmentiu rumores de que se afastaria do Vaticano, afirmou que deve reduzir o ritmo de suas viagens,

poupando a saúde para “poder servir à Igreja”.

Questionado se pensou em abandonar o pontificado, Francisco afirmou que, se necessário, a “porta estará aberta”. “Mas até hoje eu não empurrei essa porta. Como dizem, não senti isso, de pensar nessa possibilidade. Mas isso não significa que depois de amanhã eu não vou começar a pensar”, afirmou. O papa acabou de retornar de uma viagem ao Canadá.

AFP



O pontífice no voo do Canadá para Roma: ritmo deve desacelerar

Durante a visita de seis dias, a 37ª viagem internacional desde sua investidura, em 2013, o papa se locomoveu principalmente em cadeira de rodas e pareceu debilitado. Mesmo assim, cumprimentou a multidão a bordo do “papamóvel”. “Esta viagem foi uma espécie de teste: é verdade que não podemos viajar nesse estado, talvez tenhamos que mudar um pouco o estilo”, admitiu. “Com toda a sinceridade, não é uma catástrofe. Podemos mudar o papa. Não é um problema”, acrescentou.

Desde o início de maio, o jesuíta argentino se locomove em cadeira de rodas ou com bengala,

enfraquecido por dores no joelho direito. Para aliviar o sofrimento, ele recebe regularmente infiltrações e faz sessões de fisioterapia, segundo o Vaticano. Jorge Bergoglio, no entanto, descartou a possibilidade de cirurgia, em razão das sequelas da anestesia sofrida em julho de 2021 durante sua operação de cólon.

A saúde do papa — que já teve parte de um pulmão removido na juventude e sofre de ciática crônica — já havia alimentado especulações no ano passado. Em 2014, Bento 16 “abriu uma porta” ao renunciar. Mas Francisco negou que poderia desistir do cargo.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

Jamais ceder

Confesso que estava totalmente despreparado para ler nos jornais que a diplomacia abandonou todas as suas posições históricas e que tal fato ocorreu por falta de respeito pessoal pelo governante. Em qualquer situação é sempre melhor dizer o que pensamos a respeito dos negócios públicos. Especialmente quando as correntes de opinião estão ausentes e a autoridade só trabalha para cortejar a popularidade política.

Se for verdade que a democracia está sempre dois passos atrás do ditador, então, a democracia vai ser destruída. Na Grande Guerra, foram as nações parlamentares que venceram, e os governos autocráticos que caíram em pedaços,

sem exceção. Se a democracia está em perigo, não é a democracia que está falha, mas as lideranças parlamentares que estão se omitindo.

Riam, mas ouçam-me. Seria muito complicado entender as reações econômicas, militares e materiais, além dos sentimentos morais, que se passam na cabeça do governante. Levaria muito tempo. Mas, os efeitos do que está acontecendo em virtude de sua maneira de governar devem ser objeto de atenção por todos os que aspiram viver em paz e prosperidade. Suas atitudes são de quem se move em direção ao controle absoluto. Devemos ter essa base de entendimento para poder unir e inspirar o povo, se queremos obter sua ação sincera em defesa da liberdade.

Não há necessidade de ser diretamente atacado para participar da luta pela defesa do progresso. Não devemos buscar nenhum lucro, nem esperar nenhuma recompensa. Cada um busque os meios na sua consciência de se vincular aos melhores valores de nossa terra-mãe. Não há nenhuma obrigação de se atirar na disputa, senão a do sentimento de que o verdadeiro poder não produz nenhum medo e cuja proeminência não gera nenhum temor para quem vive a vida como uma associação fraternal.

Achei que era certo dizer que nossas leis e nossa história são suficientes para a decisão de cada um. Todos estão completamente livres para escolher o seu caminho e sinto que se sentem inspirados pelas mesmas emoções que nos fazem apostar tudo no dever que nos livre do desastre e do desapontamento. Caminhar juntos, e em harmonia,

faz tudo ficar bem, mas, divididos, podemos ficar vagando fora do alcance da luz e do farol que comandam o nosso destino. Não haverá fim para a miséria e a confusão que ameaçam um país quando está sob a tutela de uma má direção.

Espero ser bem vindo mesmo no meio dos que têm dúvida. A experiência do parlamento é uma das mais emocionantes e sensacionais de minha vida — que já é longa e não tem sido monótona. Gostaria que realmente minha mãe, cuja memória guardo no coração pelo passar dos anos, pudesse estar aqui para ver. As coisas, para mim, nunca foram unânimes. Fui criado na casa de meu pai para acreditar na democracia. Confie no povo — esta era a sua mensagem. Seja um homem público orgulhoso de servir ao Estado e envergonhado se pretender ser senhor do Estado.

Vós estais sendo medidos quando toleram quem puxa para baixo

as estruturas da ciência e a confiança na civilização. Usando uma metáfora militar, não há nenhuma operação de guerra mais perigosa ou mais importante do que conduzir uma ação de retaguarda. É fundamental salvar o país dos terrenos acidentados, da miséria e da destruição dos que foram ficando pelo caminho. É para salvar a retaguarda que devemos empregar nossos melhores meios, impedindo o país de parar de vencer, empurrando o progresso para trás, longe das boas posições de destaque que já ocupava. Um país à mercê de governante retrógrado não terá dias de glória.

Jamais ceder! Organizado pelo seu neto, o livro com a coletânea dos melhores discursos de Winston Churchill, parlamentar e primeiro-ministro britânico, pode ser lido em qualquer época e serve para observar o que é um verdadeiro congressista. Qualquer parlamento, de qualquer país, estará em

condições de enfiar a carapuça de sua irrelevância quando, diante das crises que atingem a política, falta em seus quadros um verdadeiro líder que sabe o que está fazendo e o faz com determinação e qualidade.

A longa vida pública, a amplitude de opinião de Churchill e a forma direta e elevada de expressá-la, ajudaram o mundo democrático a deter a mais nefasta experiência autoritária dos tempos modernos. Em discursos na Câmara dos Comuns e nas transmissões de exortação ao patriotismo dos ingleses pela rádio BBC de Londres, a principal voz de um parlamentar, até hoje, se não levou o mundo a uma paz confortável, evitou o prolongamento da desconfortável convivência mundial com o fanatismo. É imenso o poder para o bem comum que tem um parlamento atuante. E como é amarga a taça quando se omite.

PAULO DELGADO, sociólogo.